



Todo Natal Juno trabalha como atriz no presépio vivo da fazenda. Sua pacata vida de vaca até que não é ruim mas, ela não está satisfeita. O que gostaria mesmo é de ser uma rena do Papai Noel. Para realizar esse sonho, além de aprender a voar, Juno vai precisar trabalhar em outras festas, como o Carnaval, a Páscoa e as juninas. E também vai necessitar de muita paciência e determinação, sem se deixar desanimar diante das gozações e do preconceito que sofrerá no caminho.



1 9 0 6 4 0

ISBN 978-85-418-2082-0



9 788541 820820



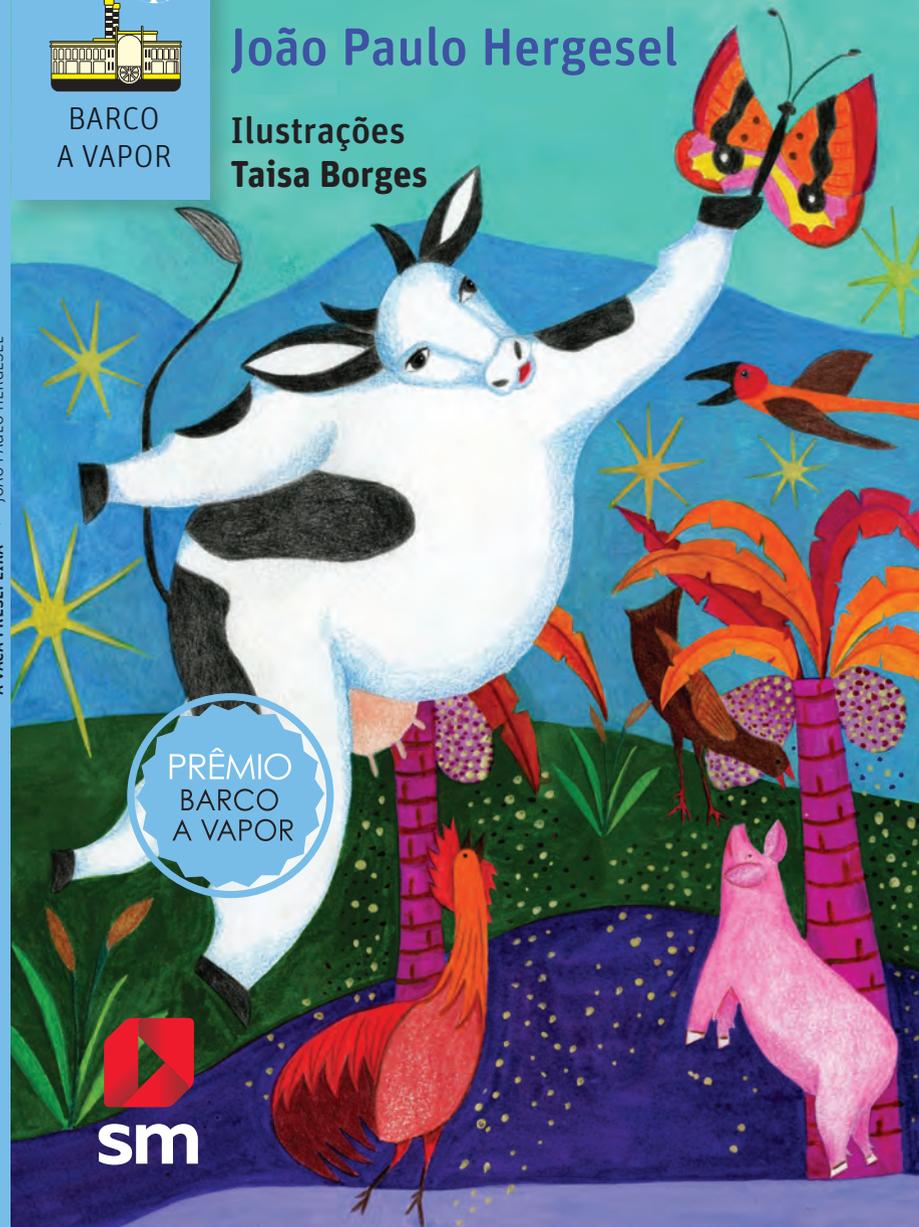
BARCO  
A VAPOR

# A vaca presepeira

João Paulo Hergesel

Ilustrações  
Taisa Borges

A VACA PRESEPEIRA • JOÃO PAULO HERGESEL



PRÊMIO  
BARCO  
A VAPOR



# A vaca presepeira

Título original: *Que presepada!*

© João Paulo Hergesel, 2018

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Assistência editorial: Olívia Lima

Preparação: Marcia Menin

Revisão: Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Hergesel, João Paulo

A vaca presepeira / João Paulo Hergesel ;  
ilustrações Taisa Borges. -- São Paulo : Edições SM,  
2018. -- (Coleção Barco a Vapor)

ISBN 978-85-418-2082-0

1. Animais – Literatura infantojuvenil
  2. Literatura infantojuvenil I. Borges, Taisa.
- II. Título. III. Série.

18-20211

CDD-028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

*Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

1ª edição outubro de 2018

Todos os direitos reservados a

**EDIÇÕES SM**

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

[www.edicoessm.com.br](http://www.edicoessm.com.br)



BARCO  
A VAPOR

# A vaca presepeira

João Paulo Hergesel

Ilustrações  
Taisa Borges



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

*À Érica, melhor amiga e fã de vacas.  
Ao Vini, melhor amigo e amigo dos animais.  
E aos professores Cláudio e Gilvana,  
meus principais formadores na arte da escrita.*

JP

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

JUNO SE CONCENTROU, centrou o popozão com duas reboladinhas e se embolou num plano muito bem encaminhado. Caminhou até o pé de acerola, acelerou até o ribeiro e correu pela margem da água corrente, sem imagem do destino. Destruía todas as paredes de brisa que apareciam à sua frente.

Resolveu que era hora de voar. Nunca tinha passado pela experiência, mas já havia visto várias aves ao vivo, leves voos através do vento. Sabia quais atitudes tomar.

Levantou as patas dianteiras, deu um impulso com as traseiras e esticou-se, espreguiçando-se

no ar, não tão perto do chão. Sentiu o cheiro do céu, imaginou o toque das nuvens. Girou os olhos para espiar como estava indo e depa-rou com a poça, antes de se espatifar na lama.

– Vaca louca! – gritou o porco. – Vá meter seus chifres em outro chiqueiro!

Os outros animais da fazenda tentaram se-  
gurar o riso, mas os lábios não eram tão fortes.  
Se pudessem, até as rosas gargalhariam como  
grasnaram as gralhas que passavam por ali.  
Sobrevoando a cabeça da vaca, ridicularizavam:

– Será que, no planeta de onde ela vem, é  
normal ter vaca atolada?

– E há quem diga que quem não tem avião  
voa com vaca...

– Só não vou zoar porque seria muita *vaca-  
nagem* da minha parte!

Entristecida, Juno voltou ao curral com o  
corpo sujo. Poderia pensar positivo, que a lama  
serviria como tratamento de pele contra carra-  
patos e queimaduras solares, porém sabia que  
não estava num *spa*, e o barro logo secaria e  
endureceria, assim como seu sonho.

Ela era uma profissional natalina. Trabalhava

todo fim de ano como atriz no presépio vivo montado na fazenda. Era uma vaca de presépio, mas queria ser rena do Papai Noel.

Não tinha dúvida de que puxar um trenó voador era uma atividade cansativa, ainda mais tendo que parar de chaminé em chaminé. No entanto, imaginava que o cansaço valeria a pena, o pelo, a pele, o couro, e isso a fazia esboçar um sorriso bovino.

– Ei, vaca! Pare de mostrar os dentes e vá tomar um banho. Já está quase na nossa hora.

O pastor-alemão tinha uma agenda eletrônica dentro da cabeça e cuidava para que tudo acontecesse no horário certo. Às 18 horas, o presépio precisava estar montado, no meio das lâmpadas piscantes, para o feliz Natal da meia-noite.

Imersa no lago, Juno pensava em como seria mais fácil se existisse um elefante na fazenda: bastaria ele borrifar um pouco de água com a tromba, e o chuveiro estaria feito. Se bem que o chuveiro não seria tão melhor do que o lago: no lago tinha xixi de peixe, enquanto no chuveiro improvisado teria melega de elefante.



Queria, de verdade, era que o elefante voasse. Seria perfeito: o grandalhão poderia lhe ensinar alguns truques, e ela ficaria mais próxima de ser uma rena do Papai Noel.

“Elefantes não voam, sua vaca panaca!”, dizia para si mesma. Talvez chamar a atenção do pensamento ajudasse a fazer com que os sonhos ficassem restritos ao momento de dormir.

No horário em que deveria estar na cabeceira da manjedoura, Juno estava na cabeceira da manjedoura. Era uma vaca de lua, mas sabia obedecer e cumprir com as obrigações, ainda que amarrasse o burro de vez em quando.

– Você parece meio triste... – comentou o burro, que não estava amarrado.

– É que eu não queria estar aqui, sabe? Eu queria ser rena, uma rena do Papai Noel.

O burro, muito inteligente, só conseguiu zurrar:

– Ió! Isso não vai dar certo!

– E não vai dar certo por quê?

– Porque... Lembra quando você quis ser solista no coral de Natal, no ano passado?

Juno lembrava... Lembrava muito bem que essa função não tinha dado muito certo. Tudo o que ela cantava saía um pouco distorcido:

*Bate o sino pequenino,  
Sino que vai e vem.  
No pescoço da vaquinha  
Ele toca também.*

Quando tentou cantar *Noite feliz*, a música saiu mais ou menos assim:

*Vaca feliz!*  
*Vaca feliz!*  
*Meu marido*  
*É um boi comprido...*

A canção não fazia sentido, principalmente porque Juno não era casada. Então, ela fez uma terceira tentativa:

*Hoje a noite é bela,*  
*Sou a Cinderela,*  
*A vaca amarela*  
*Fez eu me sujar.*

Depois disso, até o espírito da vaca amarela mandou ela se calar! Mas, nesse ano, não havia mais coro de Natal; era só um presépio vivo, debaixo de uma mangueira, coordenado por um pastor-alemão. Quando caía uma ou outra fruta, o cachorro comia e ficava com cara de cão chupando manga.

– Mesmo assim... – disse a vaca para o burro.  
– Eu queria estar junto do Papai Noel, puxando o trenó do velhinho pelos céus. Mas tem horas que acho que é melhor deixar os sonhos para as vitrines de padaria...

– Ió! E por que você não luta pelo que deseja?

– Se eu nem consigo flutuar pelos ares, como é que seria convocada para a equipe de renas?

O burro, que sempre tinha boas ideias, fez a seguinte sugestão:

– Por que, então, não vai direto ao Polo Norte falar com o Papai Noel? Ele pode usar a magia natalina para fazer você voar.

– Onde é que vou arrumar dinheiro para uma viagem dessas? Você acha que dinheiro dá em árvore?

– Bem, tecnicamente, dinheiro é papel, e papel dá em árvore – filosofou o burro. – Mas, como você não vai convencer ninguém de que as folhas verdinhas são notas de dinheiro, poderia trabalhar em outras épocas do ano.

A ideia agradou a Juno. Como atriz num presépio vivo, ela recebia uma graninha legal, mas trabalhava só uma vez por ano.

Se trabalhasse mais, quem sabe conseguiria financiar as passagens?

Como forma de agradecimento, a vaca deu uma lambida no cabelo do burro e deixou a crina bem arrumada para a virada do dia. Mais tarde, quando o galo, que estava rezando a missa, anunciou a meia-noite, todos comemoraram a família que formavam.

Assim que o dia amanheceu, Juno, que mal havia dormido, começou sua busca por um novo emprego.

– Pode deixar seu currículo – disseram.

– Currículo é uma parte do curral? Não dá para tirá-lo do lugar! – respondeu a vaca.

Então lhe explicaram que ela deveria preencher um formulário com todas as suas qualificações profissionais, e Juno deu continuidade à caminhada.

A vaca foi para o brejo, para o riacho, para as montanhas e chegou à cidade. Não conhecia muita coisa por ali, mas, quando avistava um bicho que falasse sua língua, pedia um emprego.

Voltou para casa um pouco frustrada, porque ninguém queria contratar uma vaca de presépio.



Alguns chegavam a ofender, dizendo que ela só serviria para um churrasco.

O dia passou. Também passaram a última semana do ano e o mês de janeiro. Fevereiro veio com um telegrama trazido por um pombo-correio. Haveria Carnaval. A escola de samba homenagearia o ciclo do leite e precisaria de uma vaca para usar na alegoria. Juno tinha um emprego!

Passou os quatro dias de Carnaval desfilando e ouvindo o espanto das pessoas:

– Tem uma vaca no sambódromo!

Ela adorava aquilo: a agitação, a música alta, as fantasias. Sem falar que tinha samba no casco e fez um trabalho tão bom que ajudou a escola a se tornar campeã, graças à nota dez no quesito criatividade.

Quem viu isso e se interessou foi um coelhinho muito esperto. Após o desfile, ele esperou Juno no portão de saída da avenida para conversar com ela.

– Senhorita vaca, adorei seu trabalho e quero contratá-la como assistente. – Ele falava rápido e não fazia suspense. – Sou o coelhinho da Páscoa. Sei que ainda faltam algumas semanas para o feriado, mas necessito de ajuda para produzir os ovos de chocolate.

Não precisou mugir duas vezes: Juno aceitou. Mal saiu de um emprego, conseguiu outro ainda mais doce. Estava cada vez mais perto de conseguir dinheiro suficiente para sua viagem.

– Eu vou, eu vou, para o Polo Norte agora eu

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

vou... – cantarolava como uma personagem de conto de vacas.

Ela ficou na cozinha: colocava o leite, misturava o cacau e enformava. A parte de desformar, embrulhar e dar o laço ficava com os outros funcionários. Fizeram um trabalho tão bom que o coelhinho só precisou se preocupar com a distribuição.

Um dos ovos caiu nas mãos de um menino chamado João. Ele comeu um pedaço, aprovou o gosto e teve uma omelete de ideias! Quis conhecer a cozinheira por trás de tudo. Antes, consultou Pedro e Antônio e os três decidiram marcar um encontro com a vaca.

Sem saber direito por que estava sendo chamada, Juno apareceu esperançosa: valia tudo para juntar o suficiente para a ida ao Polo Norte. Então, ouviu o que os três tinham a dizer.

– Nós somos São João, São Pedro e Santo Antônio, os responsáveis pelas festas juninas que acontecerão em breve. Gostamos muito da sua habilidade culinária e queremos saber: você tem interesse em preparar doces para as quermesses?

Juno não imaginava que era tão boa no que

fazia, mas disse que seria uma honra trabalhar com eles. Seu nome já era parecido com “junho” mesmo!

Durante um mês inteirinho, ela fez paçocas, pipocas, canjicas e pés de moleque. Até na quadrilha ela dançou – crianças de um lado, crianças do outro, e a vaca no meio.

Quando julho deu as caras, Juno contou o dinheiro que havia angariado. Era um valor alto, mas não o suficiente para bancar a viagem ao Polo Norte.



Pensou em qual seria o próximo feriado: julho não tinha nenhum; agosto, também não. Em setembro, ela poderia participar do Desfile da Independência, porém estava longe e não sabia se aceitariam uma vaca no evento.

Talvez fosse mais fácil parar de dar ouvidos a essa ideia absurda. Ser vaca de presépio não era tão ruim assim. Vai que um dia a colocavam para interpretar a Estrela de Belém...

O burro, então, apareceu, dentuço.

– E aí, vaca! Já conseguiu dinheiro para a viagem?

– Tudo, tudo, ainda não; o que consegui só dá para uma parte. Acho melhor doar isso para as pesquisas sobre saúde bovina e me contentar com a vida que tenho.

O burro abaixou a crina e falou em voz de cúmplice:

– O pessoal aqui da fazenda já temia que isso fosse acontecer. Mas vimos seu esforço. Vimos que você deu o couro, os chifres, as fuças pelo seu sonho! Por isso, a galera se reuniu e...

Ele esticou o casco e mostrou o que havia ali: eram notas de dinheiro, exatamente a quantia

necessária para complementar a de Juno e comprar uma passagem de avião para o Polo Norte.

– Vocês... Vocês... – gaguejou ela.

– Sim, vaca! A gente fez uma vaquinha...

A vaca vibrou como um celular enlouquecido. Pulou, girou, jogou-se na lama, recebeu mais um xingo do porco, mas estava tão feliz que nem deu bola.

– Obrigada, burro! Esse é um milagre de Natal em pleno início de julho! Agradeça ao pessoal e mande um beijo para sua senhora, a égua, e para a menina mula por mim.

Mal arrumou as malas, correu para o aeroporto. Chegou lá com dinheiro e disposição para encarar um voo de muitas horas.

– Peguem esse bicho! – gritou um dos seguranças.

Vieram homens fardados de tudo quanto é lado, gente gritando, gente chorando, e Juno, com medo, tentava entender. Então, percebeu que o problema era com ela. Percebeu que o problema era ela. Percebeu que vacas não eram bem-vindas em aeroportos nem em aviões.

Tentaram prendê-la, porém ela conseguiu

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

escapar. Havia perdido boa parte do dinheiro durante a fuga, e não daria para arriscar uma viagem de cruzeiro. Estava desorientada: não podia ir ao Polo Norte nem voltar para a fazenda sem o dinheiro dos amigos.

Caminhou sem conhecer o caminho e parou para descansar no meio de uma estrada de terra, sem fazer ideia de onde ela vinha nem aonde levava. Adormeceu ali. Sentia no lombo o sereno tentando acalmá-la. Então, nasceram o sol e uma voz com sotaque acaipirado:

– Arre! Já vi caminhão a vácuo, mas vaca na pista é novidade para mim.

Os olhos de Juno abriram meio embaçados e depararam com uma tropa de cavalos carregando cruzeiros e rosários.

– Quem são vocês? Onde estou?

– Oia, dona vaca, da senhora não sei nada, não... Mas nós somos do interior e estamos numa romaria. Vamos chegar à Basílica de Guadalupe, se o bom Deus permitir.

– Guadalupe? Onde fica?

– Ih, dona... É lá no México, outro país, lá do Hemisfério Norte...

As palavras “Hemisfério Norte” eram tudo o que Juno precisava ouvir! Se o México ficava ali, devia ser perto do Polo Norte e, se a cavalaria ia para lá, ela poderia ir junto.

– Seria muita ousadia minha perguntar se uma vaca seria bem-vinda em meio aos cavalos?

Todos a receberam com gentileza equina. Tinham ferraduras, coração mole e, acima de tudo, resistência para enfrentar sol, vento, chuva e cheiro de vaca molhada. Juno, por já ter trabalhado em tantos lugares, em tantas funções diferentes, tinha força necessária para acompanhá-los.

Atravessaram o Brasil, a Colômbia, o Panamá, a Costa Rica, a Nicarágua, as Honduras, a Guatemala e, enfim, chegaram ao México. Já era setembro.

– Dona vaca, a gente fica por aqui. Boa sorte na sua jornada rumo ao seu sonho, viu?

– No momento, o que eu mais preciso mesmo não é de sorte, e sim saber como faço para chegar ao Polo Norte.

– Por que não pergunta para algum cachorro de rua? Eles geralmente conhecem todo o território.

Juno gostou da sugestão e correu conversar com um cachorro esquisito, de pelos acinzentados, que parecia feliz.

– Ei, será que você poderia me ajudar? Preciso saber onde fica o Polo Norte.

O bicho olhou meio torto para ela, botou a língua para fora e começou a emitir um som que parecia uma gargalhada.

“Que coisa!”, pensou a vaca. “Já vi até cão chupando manga, mas nunca cachorro rindo desse jeito.”

Antes que ela pudesse perguntar algo mais, o bicho risonho saltou com os dentes para cima dela, numa tentativa aterrorizante de devorá-la.

O mugido de dor saiu tão alto que alguns cachorros (super-heróis caninos) saíram de um beco próximo. Latiram, rosnaram e fizeram focinho de mal-encarados. O bicho risonho, com medo de apanhar, saiu em disparada.

– Vaca louca! – gritou um cachorro de tapa-olho. – Onde já se viu se meter com uma hiena?

Hienas não eram comuns na zona urbana, e Juno sabia disso. O que não sabia era que hienas



também fugiam de zoológicos quando se cansavam de ficar enjauladas.

– Obrigada pela ajuda, pirata! – disse ela, debochando do tapa-olho. – Agora, será que vocês poderiam me dizer onde fica o Polo Norte?

Os cachorros deram risada, mas não porque eram hienas disfarçadas. Eles realmente haviam achado a pergunta engraçada.

– Você não é daqui, né?

– Na verdade, sou do Brasil, do Hemisfério Sul. Sei que o Polo Norte fica aqui, no Hemisfério Norte. Só não sei onde!

– Aqui é o sul do Hemisfério Norte. O Polo Norte fica no norte.

Aquela informação parecia bastante confusa: sul do norte, norte do norte... Afinal, tudo o que ela precisava saber era como chegar à casa do Papai Noel, não importavam as posições geográficas.

– E agora? O que eu faço? Como vou realizar meu sonho de ser rena do Papai Noel?

– Rena? – ironizou um dos membros da gangue de quatro patas. – Só se for vaca-rena!

Os outros cães desembestaram a dançar enquanto enrolavam a língua:

– Lá-lá-lá-lá, vaca-rena! Eh, vaca-rena!

Já o cachorro de tapa-olho achou o desejo interessante. Com ar de muita experiência, falou:

– Eu sei como você pode fazer para chegar à terra de gelo: voando!

– Mas eu não sei voar! Quer dizer, sei que

uma rena do Papai Noel precisa voar, e isso é algo em que ainda estou trabalhando. Também já descobri que não aceitam vacas em aviões, então não sei como...

– Cale a boca e me siga!

O cachorro não era tão educado quanto Juno gostaria que fosse. Mesmo assim, decidi segui-lo: era isso ou nada.

A cachorrada subiu uma colina, e a vaca foi atrás. Lá do pico, ela viu o inacreditável: elefantes, girafas, hipopótamos... todos voando.

“Até que não sou tão vaca panaca como imaginei”, pensou.

Na verdade, era. O cachorro de tapa-olho explicou:

– Perceba que não são animais de verdade. São balões de ar quente, em diferentes cores, desenhos e formatos.

– E como é que isso vai me ajudar a chegar ao Polo Norte?

O esquema era o seguinte: por causa do ar quente, o balão não seria páreo para o clima frio do Polo Norte, mas poderia muito bem levá-la até Miami. Os meios de transporte do

México tinham facilidade para chegar a essa parte dos Estados Unidos.

– Repito a pergunta: como é que isso vai me ajudar a chegar ao Polo Norte?

– Você é uma vaca ou um burro?

Juno sentiu saudade do amigo burro, marido da égua e pai da mula, porém ouviu o que o cachorro pirata tinha a dizer.

– Miami é uma cidade que tem praia, certo? E os mares têm baleias... Basta você navegar até o Polo Norte numa delas!

– E como eu farei isso? Mal sei pilotar minhas patas!

– Deu sorte que sou um marujo em pleno potencial. Eu conduzirei você até a casa do velhote... digo, do Papai Noel.

Juno se mostrou um pouco temerosa.

– Mas eu nem sei seu nome!

– Carlos, e recuso demais apresentações.

Carlos souu claro, e Juno, claro, aceitou sua ajuda.

Aquilo não parecia, porém era real: uma vaca que queria ser rena e um cachorro de tapa-olho pelos ares, num balão de elefante.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

O vento resolveu ajudar e os levou rapidinho da Cidade do México até Miami, ou melhor, até uma região do mar em que havia baleias grandes o suficiente para acomodar dois animais nada pequenos.

Enfrentaram o frio, enfrentaram a fome, enfrentaram outubro, novembro, dois tubarões e um navio petroleiro. O importante é que chegaram ao local de destino. Juno estava na terra do Papai Noel!

Carlos desceu da baleia, mas Juno continuou lá, parada, petrificada, congelada, e não por causa do frio.

– O que houve agora? Vai se avacalhar?

Juno teve uma crise de consciência.

– E se o Papai Noel não me quiser? Eu sou uma vaca, só isso. Não sei voar, sempre fico no presépio, nem sequer sei qual é o nome completo do velhinho. Eu...

– Que presepada! – exclamou o cachorro. – Tanto esforço para chegar até aqui e você fica com essa negatividade toda? Onde está a vaca ousada que conheci? Mostre-me aquela que trabalhou no Carnaval, na Páscoa, nas festas

juninas, que precisou fugir de seguranças no aeroporto, que caminhou numa romaria até o México, que viajou de balão, que navegou numa baleia... tudo isso para realizar seu maior sonho.

As palavras emocionaram Juno e lhe deram coragem para fazer o que faltava: falar diretamente com o Papai Noel. Confiante, desceu da baleia e, acompanhada por Carlos, caminhou na direção que a plaquinha de trânsito indicava até localizar a grande fábrica de brinquedos de que o Papai Noel era dono.

– Vou entrar – anunciou ela.

– Parada aí, vaquinha! – bramiu um urso-polar. – Sou o vigia desta fábrica e ninguém entra no meu turno sem autorização.

– Eu preciso falar com o Papai Noel – justificou a vaca.

– Tem reunião agendada?

Juno não tinha, pois não sabia dessa burocracia. Ela estava de patas atadas, indecisa de que passo tomar. O cachorro, então, latiu uma informação:

– Veja, Juno! Aquelas não são as renas do

velhote? Por que não fala logo com a líder da manada?

O coração da vaca se lembrou do desfile de Carnaval e começou a sambar, alucinado. No entanto, Juno não deixou o nervosismo tomar conta dela e foi falar com as renas. Ficou admirada olhando...

– Que foi? – perguntou a rena de nariz vermelho.

– Seu pelo é tão castanho e seu chifre é tão exótico!

– Xi, essa aí tem síndrome de Chapeuzinho Vermelho! – debochou a rena. – Se ela falar dos meus dentes, juro que dou uma de Lobo Mau.

“Foco, Juno! Foco!”, dizia ela para si mesma. Uma foca bateu palmas para sua determinação.

– É... Eu... É que... É que eu...

– Tá, você já mostrou que consegue ser gaga! – debochou a rena novamente. – Agora, mostre que também consegue ser uma *lady* e nos deixe em paz.

“Mais foco, Juno! Mais foco!”, insistiu ela mentalmente. Três focas gritaram para sua persistência.



– Eu quero ser rena do Papai Noel também!  
– desembuchou Juno.

Uma rena olhou para outra, que olhou para a seguinte, e esta para a próxima... Então, todas caíram na gargalhada. Carlos se preparou para atacar, caso fossem hienas disfarçadas.

– Querida, explique direito: quem é você?

Por acaso, você é uma rena? Tem diploma de Ensino Renamental, carteira de motorista com habilitação em trenó, curso técnico em entrega de presentes... o quê?

– Bem, eu não tenho nada disso. Sou só uma vaca que trabalha no presépio na noite de Natal, mas estou disposta a aprender e...

– Zíper na boca! Já ouvimos demais. Todas aqui têm mestrado em atividades natalinas. Você é apenas uma vaca de presépio. Volte para seu curral e aceite que aqui não há espaço para alguém que nem é capaz de assumir o papel de protagonista numa peça de teatro.

Após essa humilhação pública, uma colônia de focas mergulhou no mar gelado. Juno quase fez o mesmo, decepcionada. Carlos tentou consolá-la:

– Ainda não contei para você o motivo de eu usar um tapa-olho, né?

– Você não é cachorro de pirata?

– É o que eu quero que os outros acreditem. Mas ganhei isto numa época em que decidi que a vida de cachorro não era mais para mim e quis ser hiena...

Juno o interrompeu, demonstrando ter entendido a história:

– Então elas deram uma surra em você, mostraram como você era fraco e vazaram seu olho?

– Não! Fui eu que dei uma surra nelas. Então, acharam que eu era muito perigoso para o grupo e me armaram uma emboscada, dando um jeito de me empurrar desfiladeiro abaixo. Os espinhos, sim, vazaram meu olho!

Juno colocou o cérebro para funcionar e, assim como seu amigo burro, refletiu sobre a história. Ela podia não voar como as renas, nem ter nariz vermelho, porém fazia coisas que as renas não faziam.

Era determinada. Procurava realizar sempre o melhor nas suas profissões e na luta pelos seus sonhos. Mesmo que fosse apenas uma peça a mais no teatro de fim de ano, era protagonista da própria história.

Além disso, sabia que tinha a força necessária para puxar trenós. Provavelmente nenhuma rena ali estivesse apta para desfilhar no Carnaval, fazer ovos de chocolate e doces de festa junina, atravessar o mundo em romarias, balões e

baleias. Juno podia se considerar única, e isso a levou a sorrir novamente.

– Ei, vaca! – disse Carlos. – Sem querer tirar seu sorriso, acho que a gente tem que correr.

– Por quê?

– Está vindo uma...

Antes de o cachorro terminar a frase, uma avalanche fez a neve desmoronar da montanha, cair sobre os dois e arrastar tudo o que havia pelo caminho.



– Agora eu entendo por que as focas pularam no maaaaaaaraar – berrou Juno enquanto rolava na neve.

Tudo ficou branco. Ao abrir os olhos, a vaca viu que estava bem; checou os ossos: todos inteiros. Lembrou-se do amigo cão.

– Carlos! Carlitos!

– Brrrrrr! – ressoou ele, saindo do alto de uma árvore. – Não sinto tanto frio assim desde que tentei pegar carne de uma lanchonete e fiquei preso no *freezer*.

– Como você foi parar aí em cima?

Essa era uma pergunta que não podia ser respondida. Uma avalanche de questionamentos fica sem resposta depois de uma avalanche de verdade.

Juno o ajudou a descer da árvore e logo eles ouviram um grito:

– Socorro! Esta neve é pior que areia movediça! Estou afundando...

O pedido de ajuda vinha da rena de nariz vermelho. Ela estava sendo engolida pela neve, com as amigas em volta, tentando tirá-la dali sem sucesso.

– Ué, como você ficou presa na avalanche?  
Por que não voou?

– A gente só voa no dia de Natal, graças à magia do Noel. Sem ela, somos renas normais, que sentem frio, fome e medo, como qualquer outro animal.

A pobre rena estava só com o focinho e os olhos de fora. Mexia as patas debaixo da neve, porém a tentativa de sair dali não surtia efeito.

– Podemos chamar o dono de vocês ou o urso brutamontes, só que, até os encontrarmos e eles chegarem aqui, talvez seja tarde demais – disse Carlos.

– Já sei o que fazer! – anunciou Juno.

– Você?! – espantou-se a rena. – Como é que uma vaquinha de presépio vai me ajudar num momento como este?

Juno podia não fazer muita coisa no presépio vivo de fim de ano, mas era uma ótima atriz no papel que lhe era destinado.

– A função da vaca, na noite de Natal, era manter o Menino Jesus aquecido – contou ela.  
– Com o ar das suas narinas, ela fazia calor sobre a manjedoura.

– Isso todos nós sabemos, e daí? – disse a rena, desesperada. Um dos seus olhos já havia sido coberto pela neve.

– Calor derrete gelo. Aguarde aí que vou bufar, e bufar, e bufar, até derreter a neve que prende você!

“Quem é que tem síndrome de Lobo Mau agora?”, perguntou-se Carlos em pensamento.

Levou poucos minutos até que a vaca aquecesse o chão ao redor da rena, derretendo a neve, e a dona do nariz vermelho conseguisse sair ilesa da situação. Dessa vez, não havia focas para aplaudir, mas uma presença ilustre apareceu.

– Papai... Noel?! – exclamou Juno, incrédula.

– Juno! Conheço a história de cada habitante deste planeta, e isso inclui a sua. Sei do seu sonho, só que, infelizmente, não posso dar a você o cargo de rena... Você é uma vaca.

– Eu... Eu entendo – afirmou Juno, tristonha.

Ela agradeceu a preocupação, certificou-se de que a rena de nariz vermelho estava bem e começou a caminhar de volta ao mar. Precisava voltar para casa.

– Espere, Juno! – chamou o Papai Noel. – Eu

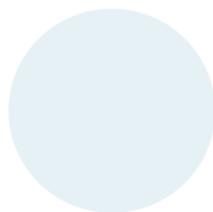
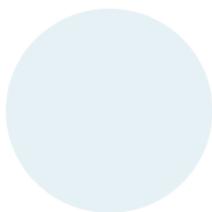
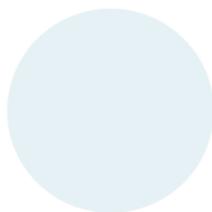
#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



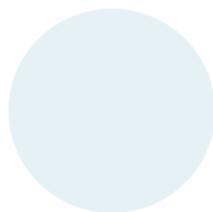
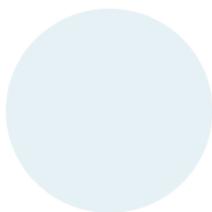
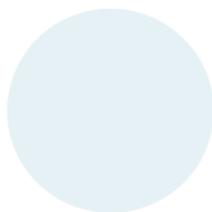
#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

não posso dar a você o cargo de rena legítima, mas estou com vagas disponíveis para ajudantes. As renas não se sentem bem em países tropicais como o seu. Se você aceitar, será uma honra tê-la como ajudante na distribuição de presentes no Brasil e nos outros países em que o Natal cai na época do verão.

O dia 25 de dezembro estava chegando, e, naquele ano, o pastor-alemão da fazenda precisou se fantasiar de vaca no presépio vivo. Juno esteve ocupada demais, ajudando o Papai Noel a entregar presentes às crianças do Hemisfério Sul, incluindo as brasileiras, num trenó puxado por ela, por Carlos e pelos cavalos da romaria.



**JOÃO PAULO HERGESEL**, ou simplesmente JP, nasceu em Sorocaba, em 1992, e vive em Alumínio, no interior de São Paulo. É formado em Letras, mestre em Comunicação e Cultura e doutorando em Comunicação. Na infância, teve uma vaca de papelão chamada JeriMUnda e encantou-se com o livro *A vaca voadora*, de Edy Lima, por meio do qual aprendeu como essas amigas de quatro patas podem tudo, assim como a imaginação. Aos oito anos de idade, já escrevia seus primeiros versos rimados. A partir daí, vieram os contos e as crônicas, vários deles publicados em jornais, revistas e coletâneas, e também as histórias infantojuvenis e a poesia. Por sua produção textual, ganhou prêmios como o Monteiro Lobato de Contos Infantis (Sesc-DF) e o Ganymedes José de Literatura Infantil e Juvenil (União Brasileira de Escritores).



**TAISA BORGES** é artista e ilustradora nascida em São Paulo, capital. Cresceu rodeada por vacas de verdade, pois seu pai adorava esses animais. Além de ilustrar obras de diversos escritores, é autora de livros de imagem e de história em quadrinhos. Esta é a primeira vez que desenha uma personagem vaca, amiga de longa data. Por sua obra recebeu prêmios como o de melhor livro do ano na categoria Imagem pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) com o livro *O rouxinol e o imperador*, além de ter ilustrações indicadas ao prêmio Jabuti em três ocasiões.

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

**FONTES** Unit Rounded e Augereau

**PAPEL** Offset 120 g/m<sup>2</sup>

#aliteruranosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida